



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

ROSEMARIA DE ASSUNÇÃO PALMEIRA

**TEATRO DE SANTA ISABEL: Da polêmica construção ao esplendor da inauguração
(1840 – 1850)**

RECIFE – PE

2021

ROSEMARIA DE ASSUNÇÃO PALMEIRA

TEATRO DE SANTA ISABEL: Da polêmica da construção ao esplendor
da inauguração (1840 – 1850)

Relatório técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos

RECIFE – PE

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno (a): Rosemária de Assunção Palmeira

Título da Dissertação: E-book – TEATRO DE SANTA ISABEL da polêmica construção ao esplendor da inauguração (1840-1850)

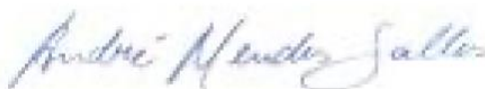
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Mestre(a) em História. A presente dissertação foi defendida e aprovada em 03 de setembro de 2021 pela banca examinadora e constituída pelos professores:



Profa. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos - Orientadora



Prof. Dr. Paulo Henrique Fontes Cadena - Examinador Interno



Prof. Dr. André Mendes Salles - Examinador Externo

P172t Palmeira, Rosemaria de Assunção
Teatro de Santa Isabel : da polêmica construção
ao esplendor da inauguração (1840 – 1850) / Rosemaria
de Assunção Palmeira, 2021
44 f. : il.

Orientadora: Lídia Rafaela Nascimento dos Santos
Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica
de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.
Mestrado Profissional em História, 2021.

1. Teatros – Recife (PE) – História. 2. Teatro de Santa
Isabel – História. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos. (Fernando Teixeira de Andrade).

AGRADECIMENTOS

A travessia foi difícil ao longo do Mestrado. Houve momentos em que nos pareceu íngreme por demais. Quando o desânimo nos abatia e faltavam forças para prosseguir, contamos com o socorro dos amigos e a solicitude de tantas pessoas, entre as quais muitas nem conhecemos. Este é o momento de demonstrar o reconhecimento e gratidão a tantos quantos nos ajudaram a fazer essa travessia.

Sem dúvida, a vida é dom de Deus e Ele nos permitiu chegar até aqui, mas na dimensão humana os agradecimentos são extensivos, primeiramente, à Universidade Católica de Pernambuco, que por intermédio de seu Programa de Pós-Graduação nos acolheu desde 2019, proporcionando-nos não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas o crescimento pessoal no contato com os professores sempre disponíveis no compartilhar o conhecimento, mas, sobretudo, na compreensão e amizade.

Ao Prof. Dr. Helder Remígio, coordenador do PPGH da Unicap, sempre solícito e compreensivo, especialmente num momento de tanta insegurança diante das alterações na nossa programação de vida em consequência da pandemia que a todos afetou.

À Profa. Dra. Lídia Rafaela Nascimento dos Santos que nos acompanhou nesse período como orientadora, guiando-nos no curso da pesquisa. Igualmente agradecemos aos professores Dr. André Mendes Salles e Dr. Paulo Henrique Fontes Cadena suas intervenções e sugestões na Banca de Qualificação e de Defesa Pública, muito pertinentes, contribuíram para a conclusão da pesquisa que nos havíamos proposto fazer.

Aos funcionários(as) da secretaria e da biblioteca, agradecemos a precisão e boa vontade no atendimento. Com destaque, também, para a polidez e profissionalismo dos(as) recepcionistas e operadores dos elevadores.

Do Teatro de Santa Isabel, agradecemos à secretária, D. Maria Célia Ferreira de Souza, e ao Sr. Romildo Moreira, diretor, que de maneira atenciosa e solícita sempre nos atenderam, prestando as informações solicitadas.

Na sede do IPHAN-PE, recebemos a acolhida e os bons préstimos das funcionárias na localização de arquivos, disponibilizando-nos o processo de tombamento do Teatro.

No Arquivo Público, agradecemos ao servidor Emerson que fez o levantamento de todos os documentos necessários ao desenvolvimento da pesquisa.

À Sra. Manuela Oliveira e ao Sr. José Luiz Narciso, bibliotecários da Biblioteca Nacional de Portugal, pelos documentos enviados, por não estarem disponíveis de forma online.

A Leidson Ferraz, pesquisador e crítico de teatro que, em tempos de pandemia, sem acesso presencial às bibliotecas, disponibilizou-nos o acesso a livros de sua biblioteca particular.

Ao Mestre Braz Pereira Alves Neto por sua valiosa contribuição na revisão do texto e adequação às regras da ABNT, além de sugestões na formatação deste relatório.

À Dra. Micheline Reinaux Vasconcelos, amiga sempre presente, ofereceu-nos suporte e sugestões de leitura.

À Dra. Virgínia Palmeira, querida sobrinha, agradecemos a dedicação de parte do seu precioso tempo na revisão da escrita e sugestão de leituras.

À Tânia Bezerra, parceira nessa travessia, agradecemos a cumplicidade no compartilhar as dores da escrita e a ansiedade de vermos a pesquisa tomar forma, o que nos parecia tão distante.

À colega Isabel Cristina Feitosa, agradecemos a contribuição na indicação de referências bibliográficas.

Aos colegas de Mestrado, todos estivemos na mesma travessia, alguns conseguiram fazê-la com maior rapidez, outros se depararam com obstáculos de ordem pessoal ou familiar, diante de uma pandemia que, direta ou indiretamente, a todos atingiu. Felizmente, com uma boa dose de esforço e dedicação todos conseguimos cruzar a linha de chegada. Isso nos traz um sentimento de superação e de liberdade inigualável. Com certeza, essa experiência enriqueceu grandemente as nossas vidas.

De cada um guardaremos um traço característico, a voz, um gesto, uma atitude. Gostaria de mencioná-los individualmente, não fossem as limitações de espaço.

À família e aos amigos agradecemos a compreensão por nossa ausência neste período.

Muito obrigada.

RESUMO

Neste relatório procuramos apresentar como se deu a construção, bem como a inauguração do Teatro de Santa Isabel, entre os anos de 1840 e 1850, tendo em vista à elaboração de um livro como produto final da pesquisa. Prezamos por utilizar nosso viés acadêmico para pensar como expectativas, comportamentos e códigos de interação social, que eram operacionalizados nesse espaço, associados a um ideário de modernidade, poderiam nos apontar como o Teatro demarcou a construção de um novo espaço de lazer voltado para os mais abastados na capital da província de Pernambuco. Privilegiamos as relações que existiram e foram percebidas por meio dos conflitos e das expectativas gestadas em torno desse empreendimento. Assim, buscamos apoio, especialmente, em fontes jornalísticas, Relatórios e Leis Provinciais do período e no Diário Íntimo do engenheiro Louis Léger Vauthier. Consultamos autores alinhados à História Cultural e à História Social. Reiteramos que nossa pesquisa está materializada em um livro digital onde constam narrativas, reflexões, imagens e ilustrações que apresentam uma leitura histórico-interpretativa da construção do Teatro de Santa Isabel como ícone arquitetônico e simbólico no Recife oitocentista.

Palavras-chave: Modernidade. Teatro de Santa Isabel. Sociabilidade. História de Pernambuco.

ABSTRACT

In this report, we seek to present how the construction and inauguration of the Teatro de Santa Isabel took place, between the years 1840 and 1850, with a view to preparing a book as the final product of the research. We value for using our academic bias to think about how expectations, behaviors and codes of social interaction that were operationalized in this space, associated with an ideal of modernity, could show us how the Theater demarcated the construction of a new leisure space aimed at the wealthier in the capital of the province of Pernambuco. We privilege the relationships that existed and were perceived through the conflicts and expectations generated around this undertaking. Thus, we sought support, especially, in journalistic sources, Provincial Reports and Laws of the period and the Intimate Diary of the engineer Louis-Léger Vauthier. We consulted authors aligned with Cultural History and Social History. We reiterate that our research was materialized in a digital book which contains narratives, reflections, images and illustrations that present a historical-interpretative reading of the construction of the Santa Isabel Theater as an architectural and symbolic icon in nineteenth-century Recife.

Keywords: Modernity. Theater of Santa Isabel. Sociability. History of Pernambuco.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	18
3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO.....	23
4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO.....	24
5. APLICAÇÃO DO PRODUTO.....	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES.....	33
8. BIBLIOGRAFIA.....	39
9. ANEXOS	44

1. INTRODUÇÃO

Construído na cidade do Recife entre 1840 e 1850, o Teatro de Santa Isabel, objeto desta pesquisa, constituiu, com seu estilo neoclássico, mais do que um registro arquitetônico importante, pois sua construção marca a relação entre as edificações e as elites econômicas cujas expectativas se voltavam para um ideário de modernidade europeu, no século XIX.

Sem nos prendermos unicamente à monumentalidade da construção, buscamos colocar em cena, neste trabalho, a questão do indivíduo, das subjetividades, dos conflitos, interesses e disputas que motivaram alguns sujeitos históricos diretamente envolvidos na edificação desse espaço, para pensar como os monumentos não se constituem fora da experiência humana.

De modo que, neste relatório, não nos preocupamos em recuperar a história do Teatro de Santa Isabel como um edifício que marca determinada temporalidade a partir de uma abordagem exclusivamente arquitetônica. Nosso foco se dá em estabelecer conexões entre esta edificação e a concepção de modernidade vigente. Um monumento que marcava a incorporação de novos costumes que se alinhavam a um ideário de modernidade que impactava a cidade, conforme descreve Antonio Paulo Rezende: “A modernidade, com as suas invenções, causa realmente espanto e deslumbramento, medos e desejos, e a cidade é o espaço onde ganha maior dimensão”. (REZENDE, 1997, p. 30).

Portanto, considerando que o ideário de modernidade que habitava o imaginário de parte da sociedade oitocentista alcançava sua concretude nas vivências e práticas, principalmente de membros das elites, é que nos valemos, justamente, dessa concepção para analisar a dimensão humana que permeou a construção deste Teatro. Os interesses e disputas que atravessaram esta edificação, colocando em cena um conjunto diverso de atores sociais, políticos, comerciantes, engenheiros e trabalhadores, abrem para nós uma fresta significativa de percepção de como um ideário de modernidade que se vinculava diretamente a grandes construções também coloca em relevo um campo de interesses e conflitos que alça à categoria de personagens históricos, indivíduos que estiveram diretamente envolvidos na construção do Santa Isabel.

Selecionamos alguns atores sociais que estiveram mais diretamente envolvidos nesta edificação, para pensar como a ideia de modernidade se relaciona com visões de mundo,

significados culturais partilhados, papéis e sentidos que são atribuídos tanto à obra quanto aos atores enredados nesta construção. O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. (PESAVENTO, 2003, p. 132).

Portanto, as questões centrais da pesquisa apresentadas neste relatório foram formuladas dentro de um recorte temporal que se estendeu desde o planejamento à construção e inauguração do Teatro, ou seja, entre os anos de 1840¹ e 1850: Qual o ideário de modernidade que impulsionou o planejamento da construção de um teatro de grande porte no Recife oitocentista? Quais atores sociais a serem pesquisados para compreender os embates, interesses e conflitos, próprios das relações interpessoais, que marcaram esta edificação? E, finalmente, qual a relevância social desse espaço para a cidade oitocentista e para seus frequentadores?

A pesquisa parte da hipótese de que a construção do Teatro de Santa Isabel coloca em evidência embates, conflitos e sentidos produzidos nos processos de modernização. De modo que, embora o próprio padrão estético deste edifício marque de forma significativa o contato da cidade com símbolos percebidos socialmente como vinculados a um ideário de modernidade europeu, o monumento por si só, isolado do contexto de mudanças pelas quais passava o Recife, não é suficiente para nos fazer compreender as dinâmicas sociais que eram tecidas ao sabor dessas transformações.

O Recife foi considerado referência de modernidade entre a maior parte das províncias nortistas justamente por ser uma das primeiras cidades no século XIX a empreender intervenções urbanas de grande porte na região. Assim, embora o Recife contasse na primeira metade desse século com uma população muito pequena e uma paisagem marcadamente rural, já se apresentava à frente das províncias circunvizinhas como referência de modernidade para os parâmetros locais na primeira metade do período oitocentista. Em que pese o descompasso entre a experiência urbana recifense quando comparada a cidades europeias de grande porte como Londres e Paris, esta limitação não foi empecilho para que, pelo menos em âmbito

¹ Todos os registros encontrados marcam o início da construção a partir de 5 de abril de 1841, quando do lançamento da pedra fundamental. Priorizamos o ano de 1840 considerando que as obras de preparação do terreno: drenagem, fundações e alicerces, tiveram início neste ano.

local, o Recife fosse representado como cidade com ares de grandeza. (ARRAIS, 2004, p. 177-178).

O conceito de modernidade urbana nas cidades brasileiras foi sendo formulado no século XIX com base no impacto promovido por certas conquistas materiais que passam a figurar no imaginário urbano como símbolos do moderno. (ARANHA, 2003, p. 79). Dentro desta perspectiva, a construção do Teatro de Santa Isabel se destacava como símbolo do moderno tanto por sua estética arquitetônica quanto pela representação que assumia no universo imagético como símbolo de modernidade e civilização.

Marcus Carvalho acrescenta que as ideias liberais do século XIX enalteciam a vida urbana como superior à vida no interior de tal forma que mesmo quem tinha terra e poder desejava uma casa na cidade, onde se julgava estar o progresso e as luzes do século, conceitos que se opunham à possibilidade de vida social e política no campo. (CARVALHO, 2010, p. 80). Dessa forma, “o espaço urbano deixou, assim, de se restringir a um conjunto denso e definido de edificações para significar, de maneira mais ampla, a predominância da cidade sobre o campo”. (ROLNIK, 1988, p. 12).

Para melhor compreensão do cenário histórico em que se deu a construção deste Teatro, consideramos interessante realizar uma breve incursão pelo ideário de modernidade que se estabeleceu no século XIX e vinculou uma cultura cosmopolita europeia à concepção de modernidade no Brasil oitocentista. Segundo Jacques Le Goff (1990), o conceito de modernidade é eminentemente ocidental, associado à ideia de progresso que surgiu na Europa no século XIX, o grande século do progresso. Concepção, esta, mantida pelos avanços técnicos e científicos, pela Revolução Industrial, pelo Liberalismo e ideias iluministas, pela melhoria das condições de vida alcançada, pelo menos, pelas elites ocidentais. (LE GOFF, 1990, p. 137).

Le Goff assegura ainda que antigo e moderno não se opunham entre si: antigo podia ser substituído por tradicional e moderno por recente ou novo. No entanto, na metade do século XIX, com o surgimento do conceito de modernidade, o termo moderno surge como uma ruptura com o passado considerado, a partir de então, como retrógrado e antiquado. (LE GOFF, 1990, p. 137). Sob a mesma ótica, em *Ambivalências da Modernidade*, Zygmunt Bauman declara:

Quero deixar bem claro que chamo de “modernidade” um período histórico que teve início no século XVII com uma série de transformações socioculturais e intelectuais profundas e atingiu sua maturidade, primeiramente como projeto cultural, com o avanço do iluminismo, e depois como forma de vida socialmente consumada com o

desenvolvimento da sociedade industrial (capitalista e, mais tarde, também a comunista). (BAUMAN, 1999, p. 271).

Embora apontem períodos diferentes para o surgimento do conceito de modernidade, ambos concordam que as transformações de ordem tecnológica, política, cultural e social pelas quais passou a Europa Ocidental, com o advento da Revolução Industrial e a Revolução Francesa, estenderam-se por todo o século XIX. Além da Revolução Francesa, no último quartel do século XVIII, eclodiram na França outros movimentos de caráter revolucionário na esfera política e social, conforme nos apresenta a obra de Eric Hobsbawm *A Era das Revoluções* que trata das transformações ocorridas no mundo no período de 1789 a 1848. (HOBBSAWM, 1961, p. 9). Os efeitos desses movimentos se irradiaram para outras partes, além da Europa:

O século XIX foi palco de uma nova sociedade — a capitalista — em que seus atores viram ruir suas crenças, ideologias e tradições em favor de um tipo de vida que se organizava, construindo um novo tecido social, no qual o homem partilhava ao mesmo tempo um ambiente inovador que prometia poder, euforia, crescimento e transformação, mesmo que isso ameaçasse as estruturas vigentes. (MATTOS, 2009, p. 98).

Nesse período, a França era vista por muitos como padrão de comportamentos, moda, julgamentos de valores estéticos tanto no continente europeu como fora dele. Prefaciando o livro *Paris, capital da modernidade*, Gilberto Maringoni afirma:

Polo irradiador de transformações quase ilimitadas, Paris embute em si um projeto de vida que se tornou planetário. Berço da burguesia como classe dominante, do romance como epopeia dos novos tempos, da imprensa como força ideológica inexorável, do realismo e do impressionismo nas artes visuais e nos cânones de comportamento da vida pública e privada, a capital francesa também gerou um modelo de urbanismo absorvido e copiado em toda parte. (MARINGONI, 2003, p. 4).

No Recife, a pretensão de se modernizar seguindo o modelo das grandes capitais europeias implicou a realização de altos investimentos públicos em reformas urbanas e construção de pontes e monumentos de uso público, entre os quais o Teatro. Inaugurado em 1850, o Santa Isabel foi um empreendimento público de grande porte que passou a ser visto como referência de cultura e civilização. Este Teatro, além do embelezamento de sua monumentalidade, também representava a incorporação de hábitos e comportamentos comuns aos movimentados centros europeus. O Teatro, então, passou a figurar no imaginário popular da época como um espaço que reunia certos atributos de ordem sociocultural, sendo considerado referência de cultura e modernidade.

Segundo Raimundo Arrais, diante das mudanças que se processavam, as elites recifenses julgavam estar a um passo do progresso e contemplar a paisagem da cidade equivalia a sentir o sopro benfazejo do progresso. (ARRAIS, 2004, p. 180). Contudo, essa marcha rumo à civilização e ao progresso baseada na reprodução de um modelo de cultura pretensamente superior não seria ilusória? A adoção de uma cultura vinda de fora era incompatível com a realidade local e a modernidade que se implantava, contraditória. Os males sociais existentes, o latifúndio predominante e o sistema escravocrata vigente estavam na contramão do progresso e da sonhada modernidade e não se percebe ao longo da pesquisa algum movimento concomitante para saná-los efetivamente. Segundo Grasiela Moraes, o processo de modernização passava pela “necessidade” de “civilizar” e “embranquecer” a população. Assim, procurava-se acabar com os hábitos e os costumes do passado colonial visto simbolizarem o atraso. (MORAIS, 2016, p. 187).

Por outro lado, como nivelar uma população tão diversificada em culturas e etnias e reduzi-la a um modelo importado de um país do qual difere sob todos os aspectos? Marcus Carvalho alega que no século XIX o Recife era um “caldeirão cultural em ebulição”. Coexistiam diversas culturas e até mesmo os nascidos em Pernambuco tinham origens culturais distintas. Havia desde o índio a diversas etnias africanas, imigrantes portugueses e outros grupos europeus. (CARVALHO, 2010, p. 90). Nessa mesma linha de argumentação, Alfredo Bosi pondera que “em um espaço de raças cruzadas e populações de diversas origens, deu-se uma mestiçagem, de tal modo que beira ao anacronismo referir-se à cultura negra, à cultura indígena, ou à cultura rústica, no seu estado puro”. (BOSI, 1992, p. 46).

Quanto à contradição apontada no processo de modernização, o argumento ganha sustentação na observância de que as práticas modernizantes não sanavam questões sociais crônicas, de tal modo que o progresso e a modernidade evoluíssem como um processo harmônico e equânime que beneficiasse a todos. Grasiela Moraes relata que embora as ações modernizadoras tenham proporcionado encantamento a muitos sujeitos, em outros alimentou um sentimento de desilusão porque nem todos participavam de maneira ativa do processo, sendo-lhes imposto, todavia, um “projeto normatizador” de apropriação e uso dos espaços públicos. Boa parcela da população, provavelmente, nem compreendia os efeitos desse processo de modernização. (MORAIS, 2016, p. 182-183).

A manutenção do sistema escravista não era condizente com as ideias liberais e modernistas que circulavam no Brasil e, em particular, na província pernambucana. No entanto, sempre havia um jeito de conciliar interesses contraditórios. Alfredo Bosi alega que:

Até meados do século, o discurso ou o silêncio de todos foi cúmplice do tráfico e da escravidão. O seu liberalismo, parcial e seletivo, não era incongruente: operava a filtragem dos significados compatíveis com a liberdade intra-oligárquica e descartava as conotações im-portunas, isto é, as exigências *abstratas* do liberalismo europeu que não se coadunassem com as *particularidades* da nova nação. (BOSI, 1992, p. 217).

Os latifundiários, senhores de engenho e os traficantes de escravos tinham interesse na manutenção do sistema socioeconômico que tinha como suporte a mão de obra escravizada.

O projeto de modernização do Recife implicou a realização de altos investimentos públicos em reformas urbanas, construção de pontes e monumentos de uso público, segundo descrição de Isabel Arrais, entre os quais o Teatro de Santa Isabel que se constituiu a obra de maior vulto da época, caracterizando-se, porém, como morosa, onerosa e deficitária. (ARRAIS, 2000, p. 19).

Para melhor compreender como o advento do teatro se vinculava à ideia de modernidade na experiência urbana do Recife oitocentista, buscamos apoio teórico na perspectiva apontada pela História Cultural, que assinala a emergência das subjetividades como uma rica possibilidade de análise e compreensão do passado. É, portanto, lançando luz sobre as emoções, sentimentos, expectativas e desejos que buscamos investigar a construção do Teatro de Santa Isabel a partir das relações que foram sendo tecidas em torno desta edificação.

Além da História Cultural, também nos serviu de lastro a História Social, utilizada por autores como Raimundo Arrais² e Marcelo Mac Cord³ no que diz respeito às questões relativas à formação do espaço urbano e sua apropriação do ponto de vista social (ARRAIS, 2004), e nas tramas sociais e políticas dos grupos “anônimos” da sociedade recifense, como foi trabalhado por Mac Cord ao analisar populações escravizadas do Recife e dos trabalhadores mecânicos da cidade no século XIX. (MAC CORD, 2009).

Favorecido pelo seu porto, o Recife ocupava posição de destaque em relação aos demais municípios pernambucanos e províncias vizinhas, pois intermediava as relações comerciais como receptor e distribuidor de mercadorias. Conforme acentua Davi Costa Aroucha: “No século XIX a praça comercial do Recife foi centro de uma complexa e variada

² ARR AIS, Raimundo. **O Pântano e o Riacho A formação do espaço público no Recife do século XIX**. São Paulo: Humanitas/FFCLH/USP, 2004.

³ MAC CORD, Marcelo. **Andaim es, casacas, tijolos e livros: uma Associação de Artífices no Recife, 1836 – 1880**. Tese de Doutorado em História – UNICAMP, Campinas-SP, 2009.

rede de trocas comerciais entre as províncias de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.” (AROUCHA, 2017, p. 36).

Apesar do destaque econômico, sua população era majoritariamente analfabeta e de concentração essencialmente agrária; o sistema de produção ainda vinculado à mão de obra escravizada quando muitos países já haviam abolido a escravidão em seus domínios. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 14). Flávio Guerra descreve a precariedade de condições de habitabilidade da cidade: insalubre, sem saneamento básico, ruas alagadiças. Situação que causava espanto aos viajantes que passavam pela cidade. (GUERRA, 1973, p. 27-32).

Nessas circunstâncias, ao assumir a presidência da Província em 1837, governo que se estendeu até 1844, Francisco do Rego Barros promoveu um programa de modernização, contemplando obras de infraestrutura e saneadoras, mas também de embelezamento, com alinhamento e arborização de ruas e construção de edifícios públicos que dessem à cidade ares de modernidade e progresso, como demonstram Raimundo Arrais (2004) e Flávio Guerra (1973), além de registros de andamento das obras contidos nos relatórios provinciais de Francisco do Rego Barros (1839-1844). O seu programa incluía a construção de um teatro moderno para a cidade do Recife porque o teatro era a representação de modernidade e civilização. Toda cidade que se pretendia moderna precisava ter um teatro.

No contexto de urbanização e modernização da cidade do Recife, o bairro de Santo Antônio mostrou-se especialmente relevante por evidenciar contrastes entre o passado e esse período de modernização. Ainda hoje, o bairro abriga obras que datam do século XVII, que remontam ao período de ocupação holandesa e edifícios do século XIX como, por exemplo, o Teatro de Santa Isabel, idealizado por Francisco do Rego Barros.

O Teatro está estrategicamente edificado nesse complexo arquitetônico que agrega história, beleza e poder presentes no cenário da população que circula pelo Recife. Ao fundo, em toda a extensão da Rua da Aurora, corre o Rio Capibaribe; à esquerda, situa-se o Palácio do Governo; à direita, estão o Liceu Pernambucano e o Palácio da Justiça e, à frente do Teatro, mas bem no centro desse entorno, a Praça da República guarda a memória dos mártires de 1817, que ali receberam a pena máxima.

A pesquisa foi condensada em um livro que está organizado em três capítulos, ou três Atos como aparecem no texto, na intenção de aproximá-lo do “universo teatral”, ao longo dos quais se privilegia o olhar investigativo como forma de acessar o passado. Esforçamo-nos

para compreender como esta edificação constituiu também uma experiência sensível, analisando as ações e reações dos sujeitos envolvidos direta e indiretamente com este espaço. Assim, privilegiamos o campo das emoções e dos sentidos para entender, por intermédio dos conflitos e das expectativas gestadas pelos sujeitos em torno desta obra, como a edificação se vinculava a um ideário de modernidade a partir da experiência humana com este espaço, desde seu planejamento até sua inauguração.

No primeiro ato, “A construção de um teatro moderno para a cidade do Recife”, abordamos a inserção da cidade no ideário de modernidade da época a partir da concepção de construção do Teatro de Santa Isabel. Para isso, tratamos das questões legais envolvidas como a promulgação de leis, levantamento de orçamento, traçado do projeto e negociações para a realização dessa obra.

No segundo ato, “A polêmica construção”, enfatizamos a construção do Teatro de Santa Isabel no âmbito da gestão de obras públicas, impactado com a chegada do engenheiro Louis Léger Vauthier, que ao assumir a direção da Repartição de Obras Públicas promoveu significativas mudanças na administração da instituição, além da implantação de novas técnicas aplicadas na construção do teatro, provocando resistência e conflitos. Para este capítulo buscamos apoio em fontes basilares dessa discussão, como as leis provinciais⁴, os relatórios⁵, as falas dos governantes e de representantes da Assembleia Provincial e os periódicos⁶. Utilizamos o Diário Íntimo de Vauthier (1840-1846) na versão publicada por Cláudia Poncioni.⁷ Este recorte temporal corresponde justamente aos anos durante os quais o engenheiro esteve à frente da construção do Teatro. Privilegiar as memórias de Vauthier, como fonte para esta pesquisa, alinha-se à perspectiva que aposta no olhar sobre as coisas do cotidiano, na subjetividade e formas de ver e sentir a sociedade na qual estava inserido.

Desde o início da pesquisa, tentamos dar voz aos invisibilizados, os “anônimos da construção,” ou seja os escravizados, forros, ferrepeados e pardos livres e pobres brancos que trabalharam na construção do Teatro. Contudo, devido à pandemia do novo coronavírus não foi possível ter acesso a documentos de arquivos que poderiam conter informações mais

⁴ Leis Provinciais referentes ao período de 1839-1850, disponíveis em: <https://www.acervo.pe.gov.br/>

⁵ Relatórios Provinciais do período de 1838-1850, disponíveis em CRL DIGITAL DELIVERY SYSTEM (Recursos digitais selecionados para pesquisa acadêmica)

⁶ Jornais do período de 1839 a 1850, o Diário de Pernambuco, O Diário Novo, O Carapuiceiro, A União, o Lidador

⁷ PONCIONI, Cláudia. **Pontes e Ideias, Louis Léger Vauthier um engenheiro fourierista no Brasil**. Recife: CEPE editora, 2010.

precisas para esta faceta da pesquisa. Por sua vez, sobre o presidente Rego Barros e o engenheiro Vauthier há uma riqueza de fontes enquanto sobre os atores “anônimos”, aqueles que ergueram as paredes, cavaram alicerces, drenaram o terreno e carregaram pedras, as fontes foram silentes, deixando-os no obscurantismo. Segundo Sílvia Hunold Lara, “a História Social do Trabalho no Brasil contém em si mesma um processo de exclusão: nela não figura o trabalhador escravo: milhares de trabalhadores que durante séculos geraram a riqueza do Brasil ficam no oculto, desaparecem num piscar de olhos.” (LARA, 1998, p. 26).

Faz-se necessário uma busca e exame cuidadoso das fontes, uma leitura do funcionamento da sociedade escravocrata para que se perceba a atuação e contribuição não registradas, mas implícitas nas entrelinhas, dos escravizados, bem como dos libertos e homens pobres. Nesse sentido, Marcelo Mac Cord apresenta a Irmandade de São José do Ribamar, associação que se propunha a qualificar negros e pardos libertos nos ofícios de pedreiros e mestres carpintas, visando à inserção no mercado das edificações. O autor ainda ressalta que tal Irmandade produziu documentos que consistiam em "livros de matrículas, atas, receitas e despesas, além de correspondências recebidas pela mesa regedora da confraria e inúmeros tipos de recibos – compra de materiais de consumo, recebimento de aluguéis, pagamento de serviços diversos, etc." (MAC CORD, 2017, p. 4-5).

No terceiro e último ato, “O esplendor da inauguração” apresentamos uma análise sobre a noite de inauguração do Teatro de Santa Isabel em 18 de maio de 1850. Buscamos demonstrar como parte da população se inseria no discurso de modernidade da época. Ressaltamos, que apenas uma parte seleta da população participou desse momento, pois foi uma obra construída para o deleite das elites. Essa circunstância indica como a pretensão de inserir a sociabilidade e os divertimentos em moldes considerados modernos esteve condicionada a barreiras que demarcavam as fronteiras sociais existentes naquela sociedade.

Embora com abordagens específicas, os capítulos estão conectados ao tema central por apresentarem, a partir de diferentes perspectivas, como o ideário de modernidade não se impõe apenas de forma vertical na construção do edifício, mas vai sendo construído e subjetivado no tempo e no espaço por meio de processos mentais de significação da realidade. Assim, criam-se distinções, classificam-se comportamentos tidos ou não como modernos, fazendo com que a ideia de modernização não se explique unicamente presa à monumentalidade da construção, mas seja percebida como um processo complexo que envolve saberes, discursos, valores e interesses que são erguidos juntamente com as paredes desta edificação.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A construção do Teatro de Santa Isabel marcou de forma significativa um período da história do Brasil e, em especial, da história do Recife, que diz respeito à construção de um projeto de país e de cidade que buscava a consolidação de sua identidade nacional, alinhando-se a modelos europeus de civilização e modernidade.

Sob esta perspectiva, o Teatro de Santa Isabel suscita interesse por representar um ícone bem presente daquele passado. Particularmente, acreditamos que ao olharmos para esse “monumento”, ainda hoje imponente, há possibilidade de imaginarmos o passado, mais precisamente o século XIX. A partir desse exercício primário, percebemos a necessidade de buscar as fontes, estabelecer inter-relações entre elas e interrogá-las para conseguirmos construir uma narrativa bem fundamentada sobre aspectos relacionados ao Teatro.

De modo mais abrangente tomamos como propósito analisar como o advento da construção e inauguração do Teatro de Santa Isabel impactou a cidade do Recife, no século XIX. De maneira mais pormenorizada, especificamos os objetivos: 1. Analisar o contexto da cidade do Recife no período em que se inicia o projeto de modernização da cidade no qual se inserem o planejamento e a construção do Teatro de Santa Isabel. 2. Identificar os atores envolvidos nas relações de poder e rede de interesses que se estabeleciam em torno da construção do teatro. 3. Perceber como o Santa Isabel se constituiu em um espaço de sociabilidade para a cidade do Recife a partir das impressões da população na festa de inauguração.

Seguindo nessa direção metodológica tomamos algumas providências: separação de fontes, livros publicados, artigos acadêmicos, material impresso ou digital existente sobre o Teatro e assuntos afins. Foram várias idas ao Teatro, inclusive acompanhando as visitas guiadas para estudantes da rede pública de ensino. Foram realizadas visitas ao Arquivo Público, ao Museu do Recife e ao IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. No Arquivo Público, agendamos retorno, deixando reservadas, para consulta posterior as caixas de documentos referentes ao Teatro. A chegada da pandemia do novo coronavírus e consequente isolamento social impediu-nos de continuar a pesquisa na modalidade presencial, obrigando-nos a planejar nova estratégia, distante e sem a possibilidade de adentrar às bibliotecas e arquivos.

Chegamos a pensar como Arlete Farge, para quem a análise das fontes é sempre um trabalho de artesão, lento, criterioso e solitário, quaisquer que sejam as ferramentas utilizadas. A internet também é cansativa, traz, igualmente, complicações ergométricas, às vezes é inconsistente, sem contar a insuficiência de material de pesquisa ainda não disponível de forma online. A Hemeroteca da Biblioteca Digital Nacional foi o nosso principal recurso na pesquisa de jornais, todavia, ficou fora do ar devido a um ataque hacker, fato amplamente divulgado pelos órgãos da imprensa.⁸ O site voltou ao ar, mas a década de 1850-1859 do *Diario de Pernambuco* permaneceu indisponível até a finalização da pesquisa⁹.

Há relevante acervo de dissertações, teses e artigos acadêmicos acessíveis na internet. Entretanto, com relação aos documentos oficiais encontra-se parcela bem restrita desse material. Não obstante tais limitações, foi-nos possível desenvolver a pesquisa em Relatórios e Leis Provinciais que constam do acervo online do Arquivo Público e CRL digital delivery system (Recursos digitais selecionados para pesquisa acadêmica). Elegemos como fontes principais, os jornais pernambucanos que circularam na época. *O Carapuceiro*, *A União*, *O Lidador*, *Diario de Pernambuco* e *O Diario Novo* foram os jornais que trouxeram maiores informações do cotidiano no período abordado no trabalho. Priorizamos os dois últimos jornais porque se opunham entre si. O primeiro era o órgão de imprensa oficial do governo da Província, enquanto o segundo fazia oposição, de acordo com o que nos aponta o artigo de Bruno Adriano Alves (2020): Entre *O Diario Novo* e o *Velho*, disputas entre guabirus e praieiros em torno da Repartição de Obras Públicas da Província de Pernambuco (1837-1848). A confrontação das matérias veiculadas em polos opostos permitiu-nos uma percepção mais clara a respeito dos fatos e dos sujeitos envolvidos.

O Diario de Pernambuco, fundado por José de Miranda Falcão, teve seu primeiro número veiculado em 7 de novembro de 1825, com circulação diária no centro da capital pernambucana, ao preço de 4 réis por exemplar. Em 1835, o jornal foi vendido a Manuel

⁸Site da Biblioteca Nacional é retirado do ar após ataque hacker. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/15/site-da-biblioteca-nacional-e-retirado-do-ar-apos-ataque-hacker.ghtml>. Acesso em: 15 abr. 2021. *Diario de Pernambuco*: Site da Biblioteca Nacional é hackeado e sai do ar, sem previsão de retorno. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2021/04/site-da-biblioteca-nacional-e-hackeado-e-sai-do-ar-sem-previsao-de-re.html>. Acesso em: 15 abr. 2021. *Jornal de Brasília*: Hackers atacam site da Biblioteca Nacional na mais recente invasão ao governo. Disponível em: jornaldebrasil.com.br/noticias/brasil/hackers-atacam-site-da-biblioteca-nacional-na-mais-recente-invasao-ao-governo/. Acesso em: 15 abr. 2021.

⁹ DocReader Web Biblioteca não encontrada, https://memoria.bn.br/DocReader/erro.aspx?err=ERRO003&bib=029033_03

Figuerola de Faria, que o transformou em órgão oficial dos governos da Província, posição que ocupou até 1911, com pequenos intervalos. *O Diário Novo* circulou pela primeira vez em 1º de agosto de 1842, permanecendo até 30 de dezembro de 1848. Seu primeiro número trazia a informação: “*O Diário Novo* publica-se todos os dias que não forem de guarda, e para ele subscreve-se na Typ. Imp. da Rua da Praia D. 11 e na Rua do Collegio D. 7”. (DN, nº 1, 1º de ago.1842). O Editorial finalizava-se com a frase: “[...] o único voto e ambição que nos anima ser úteis à nossa Pátria.”

Segundo Tânia Regina de Luca, até 1970 havia restrições quanto ao uso dos jornais como fontes por serem considerados tendenciosos, parciais e sujeitos a interesses diversos. Ainda permanecia o pensamento remanescente da escola positivista no qual, em busca da verdade, o pesquisador deveria usar fontes ditas oficiais, marcadas pela “objetividade”, “neutralidade”, “fidedignidade e “credibilidade”, que privilegiava a história oficial dos heróis”. Os jornais não se enquadravam nesta categoria. (LUCA, 2008, p. 111).

A partir de 1970, com o advento da História Cultural, a Nova História ou ainda a História vista de baixo, várias temáticas afloraram no campo da historiografia conforme assinala Luca: “[...] incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens e as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim, uma miríade de questões antes ausentes do campo da História” (LUCA, 2008, p. 113). A inserção dessas temáticas na historiografia contribuiu para a secularização das fontes históricas abrindo um leque de possibilidades de análises. As fontes históricas passaram do documento oficial, textual, para incluírem também imagens, filmes, crônicas, cartas, diários pessoais, jornais, revistas, relatos de viagens, fotos, uma diversidade inimaginável, segundo Le Goff: “tudo que pertencendo ao homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, o gosto e as maneiras de ser do homem.” (LE GOFF, 1990, p. 285). Porém, na análise do documento adverte:

O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, parcialmente determinado ele próprio por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para imprimir uma imagem desse passado, como para dizer a “verdade.” (LE GOF, 2011, p. 168).

Nesse sentido, a historiadora Maria Helena Capelato (1988, p. 21) aconselha: Todos os documentos são falsos e verdadeiros. Cabe ao historiador desmistificar, demonstrar e analisar como foi produzido, perguntando à fonte: Quem produziu o jornal? Para quê? Como? Quando?

Utilizamos ainda como fonte o Diário Íntimo de Louis Léger Vauthier (1840-1846) na versão publicada por Cláudia Poncioni (2010), por algumas vezes confrontando informações, em notas de rodapé, com a versão organizada por Gilberto Freyre em 1949. O Diário de Vauthier corresponde justamente aos anos em que o engenheiro esteve à frente da construção do Teatro. Vauthier, em seu diário e nas Cartas: Casas de residência no Brasil, deixou registros sobre a sociedade recifense, os flagelos da cidade, as desigualdades sociais, a fauna e flora. Suas percepções, ainda que sob o olhar de um europeu, forneceu-nos rico material de pesquisa.

Nas palavras de Durval Muniz (2016)¹⁰, não há qualquer documento destituído de sentimento e subjetividade. No entanto, cartas, testamentos, diários são fontes que contêm uma carga emotiva e subjetiva muito maior. Os diários chegam a ter um caráter confessional. Nesta linha de estudo, o Diário de Vauthier se nos apresenta como um texto misto, contendo reflexões de ordem pessoal, relato de viagem, caderno de anotações; enfim, nele coexistem os estilos pessoal, documental e literário. (PONCIONI, 2010b, p. 123). Seus registros foram importantes na medida em que forneceram condições de análise sobre os hábitos e vida social da sociedade do Recife oitocentista, bem como sobre a política e governo do período, sob a ótica de um estrangeiro que circulou nas esferas sociais e do poder, envolvido num programa modernizador de grande alcance.

Usamos, também, algumas imagens (litogravuras, fotos de época e atuais), com o objetivo não apenas de tornar o livro mais atraente, mas com a intenção de encontrar indícios da cultura no tempo e no ambiente em que foram produzidas, por entender que as imagens criam um tipo de narrativa cuja linguagem comunica tão bem quanto os textos escritos ou falados, conforme conhecida frase atribuída a Kurti Tucholsky¹¹: “Uma imagem vale mais que mil palavras”.

Segundo Peter Burke (2017, p. 27), com a ampliação da concepção da História para o campo das mentalidades, da vida cotidiana, para as culturas, para o corpo, etc. não seria possível ao historiador manter-se limitado a documentos produzidos pelas instituições oficiais e enclausurados nos seus arquivos, daí a multiplicidade de fontes com que se conta hoje entre

¹⁰ Conferências – Anpuh-RN, 2016

¹¹ Kurti Tucholsky, nacionalidade alemã, jornalista, escritor e poeta. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/11449/94127/1/roszik_aa_me_assis.pdf. Acesso em: 15 abr. 202.

as quais as imagens têm destaque. No entanto, adverte que o historiador deve tratar as imagens tão criticamente quanto os documentos orais ou escritos.

A imagem pode sofrer manipulação segundo o interesse de quem a produz, e atualmente conta com recursos tecnológicos sofisticados, como o programa *Photoshop* de edição de fotos. Todavia, essa prática remonta há séculos passados. Peter Burke conta casos interessantes de pinturas de reis, a exemplo de Luiz XIV, Felipe IV, batalhas, quadros do interior de casas inglesas, mulheres mulçumanas no interior de suas casas etc. Fotos cujos indícios demonstram terem sido forjadas para atender a um tipo de representação. Porém, toda imagem conta uma história. (BURKE, 2017, p. 209).

Entre as imagens selecionadas, uma delas apresentada no segundo capítulo do nosso livro, o Presidente Francisco do Rego Barros aparece de costas para o Rio Capibaribe e, ao fundo, vê-se a Rua da Aurora. A foto pode ser lida de várias maneiras, mas parece querer dar a impressão de alguém que tem o poder e o domínio da cidade. Na realidade, a foto original data de 1875, autoria de Marc Ferrez e, originalmente, não tem a imagem do presidente. Uma segunda imagem é o quadro de Vauthier, que se encontra no salão nobre do Teatro e está também inserida no segundo capítulo. Nesta foto, Vauthier parece um homem de idade madura, no entanto, tinha apenas 25 anos ao chegar ao Recife, onde permaneceu por seis anos. Não há relato de sua volta a Pernambuco nem ao Brasil; portanto, de quais recursos ter-se-ia valido o artista para produzir o quadro?

Como apoio historiográfico usamos o livro *Pontes e Ideias Louis Léger Vauthier um engenheiro fourierista no Brasil*, de Cláudia Poncioni¹². Esta obra foi importante, não apenas pelo volume de informações, mas pelas fontes apontadas. Ela relata que estando na França foi abordada, depois de uma conferência, por duas pessoas que lhe disseram:

Somos os descendentes de Vauthier e queremos agradecer seu empenho em difundir a obra de nosso antepassado. Pelo que sabemos, a senhora é a única pessoa na França a pesquisar sobre ele; pode contar com nosso apoio. Os arquivos de família estão à sua disposição. (PONCIONI, 2010, p. 14).

¹² Cláudia Poncioni, nascida no Rio de Janeiro, doutora em *Études du monde Lusophone* pela Sorbonne nouvelle, onde é professora adjunta do Departamento de Estudos Lusófonos. Especializou-se no estudo de correspondências, diários, autobiografias, memórias e crônicas e autores brasileiros ou estrangeiros que escreveram sobre o Brasil.

Complementamos as fontes buscando apoio também em Leis provinciais, registros das sessões da Assembleia Provincial e periódicos da época, que expressavam opiniões e contendas envolvendo a construção do Teatro. Estas fontes também foram por nós acionadas no terceiro capítulo, em especial os jornais *A União* e *Diário de Pernambuco*, que publicaram, com pormenores, a festa de inauguração do Teatro.

No tocante ao entendimento de como a vida social da província passou a gravitar em torno do Teatro, Lídia Santos traz luz sobre a questão quando afirma em seus textos que os espaços de lazer são *locus* privilegiados para múltiplas sociabilidades, que refletem o contexto histórico e social de determinada sociedade:

Os divertimentos são *locus* privilegiados para percepção dos acontecimentos sociais. Nos dias corriqueiros, as ruas eram palcos para o desenvolvimento de sociabilidades urbanas, porém nos dias não festivos estavam às construções onde pequenos grupos podiam se reunir. Entre estes o teatro. Enquanto espaço físico, o palco do teatro era a representação da sociedade. As modificações no modo de vida, em especial, das classes dominantes, eram especialmente sentidas nesse mundo de exibição e sociabilidade que era o teatro. As diferentes formas de diversão estão relacionadas com o seu tempo, permitindo-nos observar os valores estruturais que compõem a sociedade, servindo tanto para evidenciar os conflitos entre as diferentes camadas da sociedade, como para perceber valores e divergências, dentro de um mesmo grupo. (SANTOS, 2011, p. 92; 121).

Alinhadas ao exposto, as discussões historiográficas fazem-nos perceber que, embora sendo o Teatro uma edificação supostamente destinada ao uso público, esteve desde o início intrinsecamente vinculado ao lazer das elites, que buscavam associar novas práticas de sociabilidade e de lazer ao ideário de modernidade e de progresso que tomavam como parâmetro.

3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

Nosso produto trata-se de um livro de divulgação digital em formato PDF, produzido com a finalidade de ser utilizado por estudantes universitários, do curso de graduação em História, como também de Turismo no segmento do Turismo Cultural e de interessados pela história do Recife. Propõe uma leitura analítica do processo que vai da construção à inauguração do Teatro de Santa Isabel em meados do século XIX. A intenção é que a pesquisa possa auxiliar o estudante universitário como material de apoio nas buscas e consultas sobre o patrimônio histórico-cultural de Pernambuco, no caso específico o Teatro de Santa Isabel.

Justificamos a ênfase ao estudante do curso de Turismo por entender a interlocução entre História e Turismo Cultural, sendo este um vetor de divulgação da história, preservação da memória e da identidade de determinado patrimônio cultural, de certa maneira, impedindo sua descaracterização.

De conformidade com o conceito do patrimônio (material e imaterial), o Ministério do Turismo (2010) elenca um grupo de bens que se encaixam na categoria de atrativos do Turismo Cultural, entre os quais, edificações especiais onde o Teatro se encaixa.

Nesta perspectiva, oferecemos meios para que o profissional de Turismo, em formação, desenvolva um olhar crítico sobre a história que nos é contada, valendo-se das pistas e das inúmeras possibilidades de interpretação e hipóteses que as fontes nos apontam. Nesta via apoiamo-nos na argumentação de Panosso Netto:

As novas gerações de estudantes são formadas voltadas somente para a formação profissional, técnica, sem reflexão, sem pensamento analítico. O objetivo dos acadêmicos de turismo não é somente dar respostas ao funcionamento do turismo ou formular visões novas para estudá-lo. O objetivo deve ser promover a transformação de sua realidade, conhecimento e prática. Para isso, é vital assumir exercícios críticos, reflexivos e interpretativos que permitam reconhecer cenários novos de comportamento. (2016, p. 48: 51).

Que a história não seja mera repetição de datas e nomes de heróis ou de vilões. Para tanto, apontamos fontes e referências onde o estudante encontrará subsídios para desenvolver uma análise crítica dos fatos e possa adquirir o embasamento necessário à divulgação da história do Teatro de Santa Isabel no período de 1840 a 1850.

Frisamos que, apesar de o público-alvo ser prioritariamente universitários, demais interessados poderão se utilizar do material, visto que nossa intenção ao produzir o livro foi condensar informações, apontar fontes e responder alguns questionamentos numa perspectiva de troca sobre a rica história desse lugar de memória para a cidade do Recife, o Teatro de Santa Isabel.

4. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

Desde a concepção da ideia do objeto de pesquisa ao levantamento das fontes e à fase de escrita, a constatação é de que há uma infinidade de informações e de fatos sugestivos com inúmeras possibilidades de análise e de levantamento de hipóteses. Todavia, fez-se necessário delimitar o conteúdo dentro do recorte temporal e estabelecer conexão com os objetivos

previstos. Dessa forma idealizamos o livro **TEATRO DE SANTA ISABEL: Da polêmica construção ao esplendor da inauguração (1840-1850)**, dividido estruturalmente em três capítulos que nomeamos de “atos” como forma de aproximá-lo do universo teatral.

Para a materialização gráfica do livro, contamos com o auxílio de uma profissional de designer gráfico. A seguir, por intermédio de imagens em miniatura exemplificaremos como se materializou a identidade visual do livro:

Título e Capa

O título aponta para as tramas e polêmicas envolvendo a construção do edifício, que protagonizava uma modernidade que se buscava, supostamente alcançada e bem representada no esplendor da inauguração, festa que mobilizou a cidade em 18 de maio de 1850.

A capa (Figura 1) destaca a monumentalidade das escadarias por considerá-las um elemento significativo do interior do Teatro. A primeira visão do público do interior dessa construção carregada de símbolos de riqueza e ostentação, bem como de beleza incontestável.

Corpo da publicação

Na Figura 2, iniciamos o ‘corpo’ da publicação. À direita da imagem encontra-se a página da **Apresentação** e à esquerda a **Folha de Rosto**. A Apresentação apoia-se em fundo ornamental dourado envelhecido para remeter ao teatro e ao estilo vintage, de época. O fundo ornamental foi aplicado às páginas: **Folha de Rosto, Apresentação, Prefácio, Como nasceu este livro e Sumário**. Ele não foi aplicado ao livro inteiro uma vez que tornaria a leitura difícil e pesada, além de não auxiliar no destaque do conteúdo ao qual foi adicionado, mas em páginas com fotos do Teatro que requeriam destaque ou demonstração de que se tratava de conteúdo especial.

Embora pareça estranha a conformação da imagem, afinal a folha de rosto sempre vem à direita de qualquer publicação, como esta é uma imagem para mostrar como é o livro por dentro, adicionamos ambas as páginas na mesma figura.

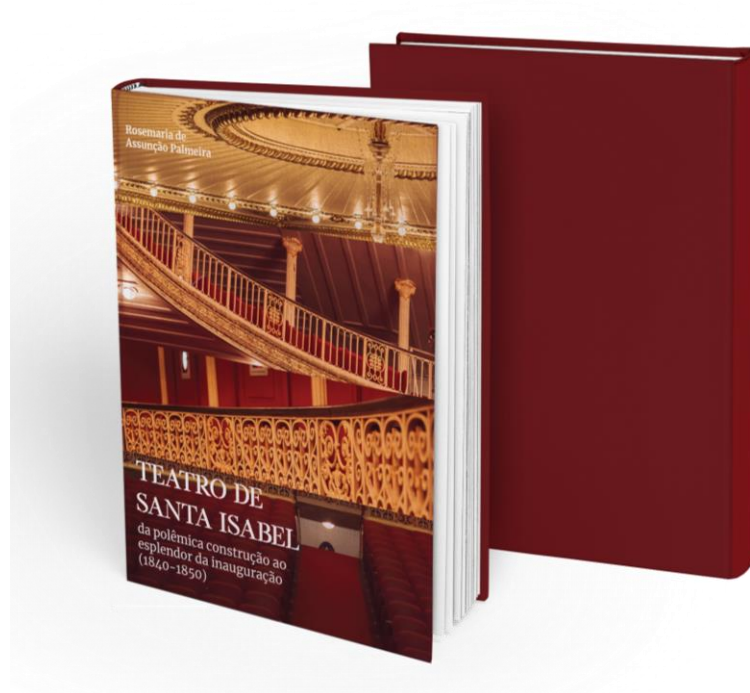
Na Figura 3 estão as capas dos capítulos **Introdução, Atos I, II, III, Considerações Finais, Bibliografia & Referências e Anexos**. As capas dos capítulos foram escolhidas de forma a conduzir o leitor por uma espécie de passeio pelo Teatro de Santa Isabel. Por isso, a foto da capa da Introdução mostra parte do exterior do Teatro, enquanto a imagem da capa do Ato I reproduz a visão que se tem ao subir as escadas em direção ao interior do edifício.

Todas as capas auxiliam na construção da evolução da narrativa do livro, com o objetivo de tornar coeso o conteúdo textual e visual.

Na Figura 4 estão as páginas de Introdução e uma página avulsa do miolo (parte interna do material). Um elemento constante no livro é o ornamento logo abaixo do nome do capítulo, recurso também utilizado na Folha de Rosto e Sumário. Ele é um ornamento retirado diretamente da sacada do Teatro de Santa Isabel, sendo este elemento mais um aspecto que visa à unidade da identidade do projeto.

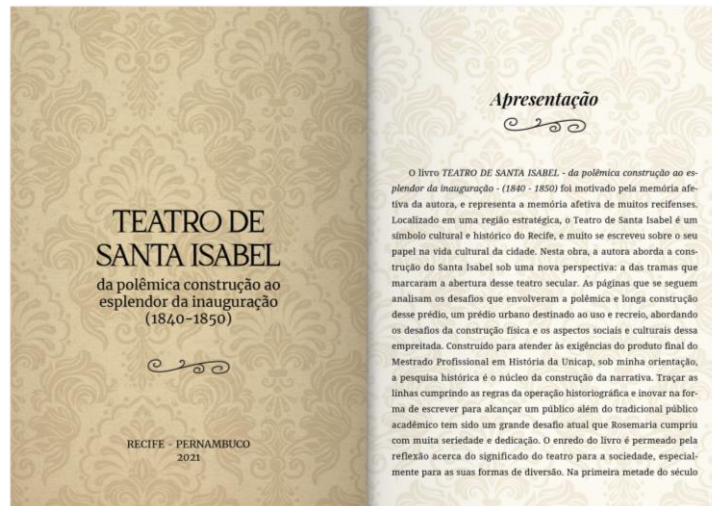
Os trechos, com papel antigo ligeiramente disforme no contorno, foram utilizados para destacar as *anotações da autora e os detalhes textuais* que não se encontram no texto. Na Figura 5 há um trecho em que o papel antigo possui fundo ornamental. Ele foi utilizado para destacar informações como *leis, decretos, trechos de jornais da época e cartas de governadores*. Este detalhe sobre o tipo de papel em que foram inseridas estas informações foi pensado para realçar a importância da passagem e demonstrar que ela possui valor histórico real, não sendo uma citação ou anotação da autora.

Figura 1: Capa



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 2: Folha de Rosto e página de apresentação



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 3: Capas dos capítulos

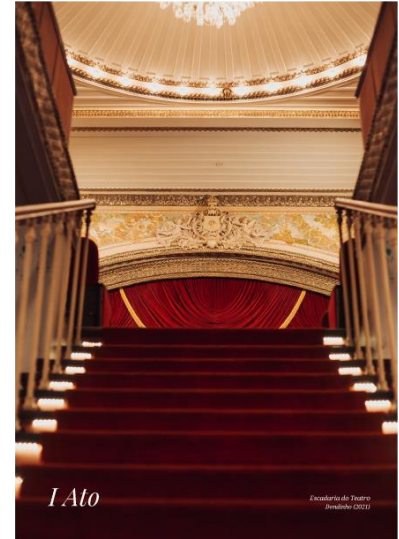
Capa de Apresentação



Capa de Introdução



Capa de Ato I



Capa de Ato II



Capa de Ato III



Capa de Considerações Finais



Capa de Bibliografia e Referências

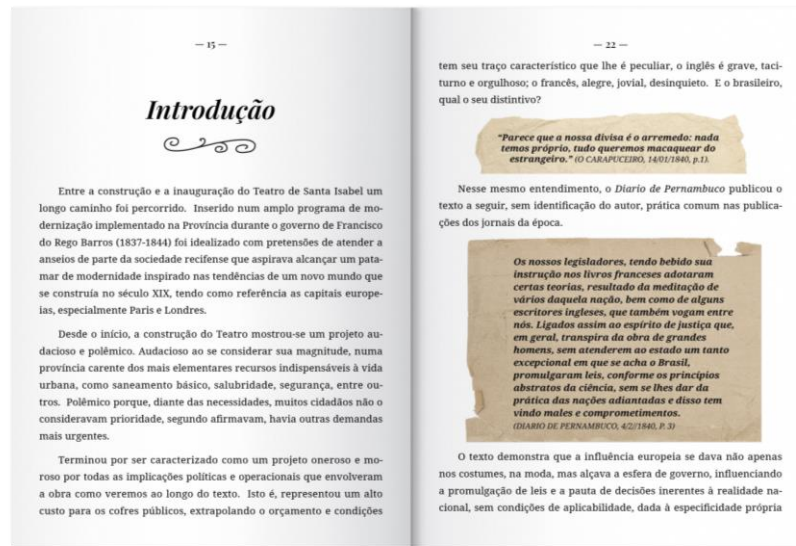


Capa de Anexos



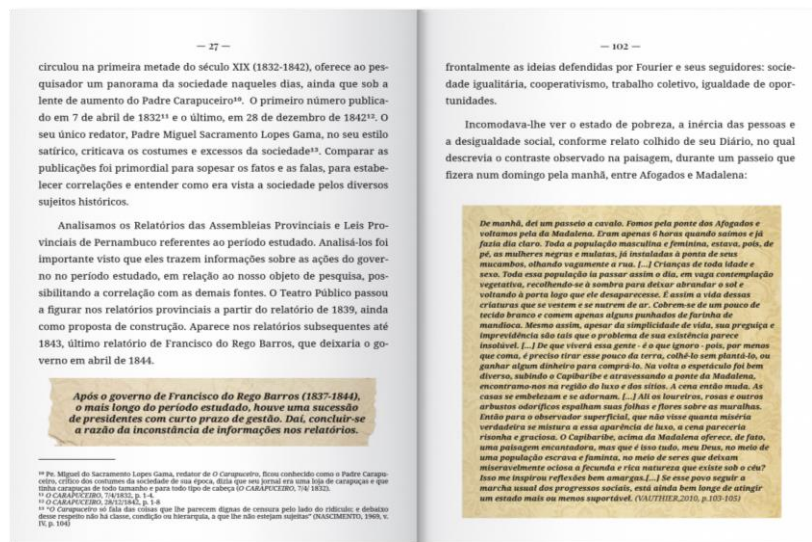
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 4: Introdução e elementos utilizados



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 5: Elementos utilizados parte 2



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

5. APLICAÇÃO DO PRODUTO

O livro digital *TEATRO DE SANTA ISABEL: Da polêmica construção ao esplendor da inauguração (1840-1850)* será disponibilizado gratuitamente e sem restrição de acesso no repositório da Universidade Católica de Pernambuco – Unicap, (<http://www.unicap.br/ppgcr/teses-e-dissertacoes/>), e, se possível, no site do Teatro de Santa Isabel—(<http://www.recife.pe.gov.br/cultura/santaisabel.php>). É direcionado a estudantes de graduação do curso Turismo no segmento Turismo Cultural, assim como a estudantes de graduação em História e interessados de modo mais amplo pela história deste Teatro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa restou evidenciado que o Teatro de Santa Isabel, apesar de caracterizado como obra pública, de investimento do governo, vinha atender a um ideário de vida urbana muito referenciado nos padrões europeus, direcionado às elites.

A estrutura do prédio, a distribuição de lugares, o estilo das apresentações, a maneira como as pessoas se vestiam e se comportavam naquele espaço, que convidava ao luxo e à ostentação, tudo denunciava seu caráter elitizado e excludente. Ao povo, cabia a contemplação do belo, à distância, como bem demonstram os versos de Oscar Brandão, anos mais tarde, quando da reinauguração do teatro após o incêndio que o atingira:

“Santa Isabel está novo,
mas onde se encontra o povo
Neste instante secular?
Aqui dentro o luxo mora...
O povo ficou lá fora,
Roupa não tem para entrar”.
(Oscar Brandão)¹³

Apresenta-se, portanto, neste relatório a importância do Teatro de Santa Isabel dentro de uma perspectiva de compreensão do papel que esta edificação detinha no contexto da execução de um projeto de modernidade para a cidade do Recife no século XIX.

¹³ Versos publicados na Revista *Contraponto*, dez. 1950, p. 36

Contudo, sem nos prendermos à monumentalidade desta edificação, voltamos nossa atenção às expectativas geradas em torno do Teatro, às visões de mundo que permearam esta construção desde o seu planejamento até sua inauguração. Buscamos lançar luz sobre o fato de como este espaço edificado com o propósito de atender às demandas locais de diversão e entretenimento esteve atravessado por conflitos, saberes, anseios e valores, que nos informam sobre as dinâmicas sociais e históricas de construção e apropriação da cidade, na perspectiva da consolidação de um programa modernizador.

Obviamente, as indagações que fizemos a este monumento não são suficientes para esgotar as múltiplas interpretações do passado que a construção deste Teatro é capaz de suscitar. Ao contrário, pesquisar a história desta edificação desencadeou vários questionamentos. Enquanto nos debruçávamos sobre as fontes percebíamos o quanto a dimensão humana se fazia presente no levantamento deste edifício em variadas situações e circunstâncias. Desde o planejamento até sua edificação deparamo-nos com sujeitos históricos que iam sendo integrados ao Teatro em diversas frentes, quer na esfera política e econômica quer no plano mais concreto do esquadramento do espaço e levantamento das paredes.

Enquanto edifício e patrimônio público o Teatro de Santa Isabel foi a obra de maior representatividade do programa de modernização implantado na Província e constitui um campo propício à compreensão das apropriações e transformações urbanas pelas quais passou no Recife em meados do século XIX. Atualmente, este edifício ainda ocupa um lugar de destaque no cenário turístico da cidade, em especial, por seu valor histórico e arquitetônico.

Como vestígio de um Recife oitocentista, desejoso de modernidade, o Santa Isabel tornou-se um verdadeiro ícone. Sua presença no cenário urbano recifense evoca sentidos que vão sendo reformulados ao sabor do tempo e das dinâmicas sociais.

Quase um século após a sua construção, quando novas reformas “modernizantes” pareciam conduzi-lo a certa descaracterização arquitetônica, os técnicos do primeiro distrito do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)¹⁴ deram entrada no pedido de seu tombamento, num esforço de proteção daquilo que reconheciam como patrimônio. Encontra-se registrado no Livro de Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 1, f. 45, nº de inscrição 260, em 31 de outubro de 1949¹⁵.

¹⁴ Atualmente, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão federal de proteção do patrimônio nacional brasileiro, criado em 1937, pela Lei nº 378.

¹⁵ Processo de Tombamento, cópia disponível na sede do IPHAN-PE

Finalmente, o Teatro de Santa Isabel é um lugar de memória para a cidade do Recife, que, segundo descreve Antonio Paulo Rezende¹⁶: os lugares de memória são reveladores dos dramas da sociedade onde se encontram. Cabe ao historiador, buscar a narrativa mais adequada para descrevê-lo, embora não haja escrita capaz de esgotar a complexidade do real.

Para compor nossa narrativa, partimos da análise das fontes e da leitura da historiografia. É prudente convir que, diante da documentação que tínhamos, optamos por destacar aspectos da beleza do Teatro, sem, contudo, nos furtarmos de mencionar que polêmicas e desapareços compõem parte significativa dessa história, tendo em vista que para a construção da narrativa histórica não podemos suprimir acontecimentos que não eram inicialmente esperados como questões para o trabalho, trazendo à tona, desta forma, todos os possíveis elementos constituintes da história do objeto desejado.

Sobre as polêmicas em torno da edificação desse monumento elas carecem de um estudo mais demorado. Detectamos contradições e intrigas dentro de um contexto eivado de interesses políticos e econômicos que não se esgotam numa análise de curta duração. O Governo, na figura do Presidente da Província, Francisco do Rego Barros, considerava o Teatro uma obra de suma importância para os pernambucanos, uma escola de moral e costumes que representava e promoveria o progresso civilizatório associado à ideia de modernidade. Muitos não compactuavam com a mesma ideia. Chegavam a considerá-la uma obra onerosa e supérflua em meio a demandas mais urgentes, necessárias à melhoria das condições de vida na capital da Província.

Sobre os sujeitos protagonistas da edificação desse monumento podemos verificar, panoramicamente, que muitos atores, como os escravizados ou pessoas provenientes de classes sociais menos abastadas, que ergueram o Teatro desde as fundações até a cumeeira, tiveram suas participações tolhidas das placas e de outros registros de destaque ou documentos, o que dificulta o resgate histórico desses “inominados”, que participaram do levantamento das paredes desse edifício, que drenaram o solo, cavaram os alicerces e assentaram pedras. Esses, muitos provavelmente com nomes de santos católicos, como era costume no Pernambuco oitocentista, constituem uma lacuna que não conseguimos preencher ao longo da pesquisa, mas reiteramos a importância dos “protagonistas anônimos” e esperamos que em trabalhos futuros seja possível sanar essa dívida, de modo que ao lado do

¹⁶ REZENDE, Antonio Paulo *in* ARRAIS, Isabel Concessa. Teatro de Santa Isabel. Prefeitura da Cidade do Recife, 1000, p. 8.

nome de Vauthier uma gama de muitos “Josés e Antônios” surjam como valorosos participantes no conjunto da obra.

Por fim, gostaria de dizer que, diante de uma trama tão rica, procuramos elencar alguns elementos que vão da “polêmica construção” ao “esplendor da inauguração” em um livro ilustrado para dar um pouco de leveza ao texto. Dos bastidores, esperamos ter contribuído para elucidar parte da história do Teatro que é também a história de Pernambuco. Desejamos ainda que tanto a história quanto o próprio prédio do Teatro sejam preservados como lugar de memória, acessível a quem se interessar por ele, promovendo arte e cultura.

7. LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

ICONOGRAFIA

DONDINHO. 2021. **Fachada do Teatro de Santa Isabel**, vista da direita para a esquerda.

TEATRO Santa Isabel (Recife, PE). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15705/teatro-santa-isabel-recife-pe>. Acesso em: 17 de agosto de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

DONDINHO. 2021. **Fachada Parcial do Teatro de Santa Isabel**.

BAIRRO DE SANTO ANTÔNIO, RECIFE-PE . In: **GOOGLE maps**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Teatro+de+Santa+Isabel/@-8.063384,-34.8824532,3104m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab18bc0ffb07:0xa1e9eee4ec6c9df3!8m2!3d->. Acesso em: 13 ago. 2021.

DONDINHO. 2021. **Vista parcial da fachada do Teatro**, parte superior.

DONDINHO. 2021. **Vista parcial plateia e vulto de mulher o palco**.

DONDINHO. 2021. **Vista parcial da escadaria**. Percebe-se alguém que desce a escada.

DONDINHO. 2021. **Entrada com destaque para a escadaria e teto**.

AROUCHA, Davi Costa. Adaptado de Gallica, Bibliothèque Nationale de France, Département Cartes et plans, GE C-9219. Planta da cidade de Recife et seus arrabaldes... organizada pela Repartição de Obras Públicas, 1875. In: AROUCHA, Davi Costa. **A vara, a vela e o remo: trabalho e trabalhadores nos rios e portos do Recife oitocentista**. Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/28373/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Davi%20Costa%20Aroucha.pdf>.

SOCIEDADE ESTABELECIDADA PARA A SUBSISTÊNCIA DOS TEATROS PÚBLICOS DA CORTE. Instituição da Sociedade estabelecida para a subsistência dos teatros públicos da Corte: (estatutos). Lisboa: Regia Typographia Silviana, 1771.

BORGES, 2000, p.27 – **Reprodução da fachada frontal e posterior do Teatro de Santa Isabel.** Projeto do Engenheiro Louis-Léger Vauthier, 1840.

DIARIO DE PERNAMBUCO, 07/10/2016, [s. p.]. **Francisco do Rego Barros, o idealizador.** 1 fotomontagem. Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/historiape/index.php/2016/10/07/barao-da-boa-vista-o-reformador-do-recife/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

LA GRECCA, Murillo. Tela em óleo que se encontra no salão nobre do Teatro Acervo do Teatro de Santa Isabel. Registrado por Dondinho, 2021.

DONDINHO. 2021. **Teatro de Santa Isabel. Em destaque revestimento das colunas e arco em pedras.**

DONDINHO. 2021. **Fachada do Teatro revestida em pedras.**

DONDINHO. 2021. **Corredor do Teatro, em destaque desenho do teto.**

DONDINHO. 2021. **Vista parcial dos camarotes tomada de baixo para cima**

DONDINHO. 2021. **Vista parcial dos Camarotes e plateia.**

DONDINHO. 2021. **Camarotes em destaque.**

SCHLAPPRIZ. Campo das Princesas, à esquerda o Teatro Santa Izabel (projeto de Vauthier), ao centro o Palácio do Governo da Província. Recife, século XIX. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320571434/figure/fig2/AS:552806646022144@1508810783703/Figura-2-Campo-das-Princesas-a-esquerda-o-Teatro-Santa-Izabel-projeto-de-Vauthier-ao.png>

SCHLAPPRIZ, Luís. [1863-1865]. **Vista do Recife – Tomada do Salão do Teatro de Santa Isabel.** 1 gravura. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18539/vista-do-recife-tomada-do-salao-do-theatro-de-s-isabel>. Acesso em: 13 ago. 2021.

ao centro o Palácio do Governo da Província. Recife, século XIX.

DONDINHO. 2021. **Vista central do teto, com destaque para o lustre.**

DONDINHO. 2021. **Vista lateral dos camarotes.**

DONDINHO. 2021. **Corte da fachada frontal do Teatro.**

LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES

- **Bibliotecas Digitais:**

Biblioteca Digital de Portugal

Biblioteca Digital Nacional

Biblioteca do Senado Federal

Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações

- **Jornais (listagem das principais matérias):**

A IMPRENSA, jornal político e social, ed. 45, 31 de out. 1850. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/818828/181>

A MARMOTA PERNAMBUCANA, ed. 3, 26 /3/1850, Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/800449/1040> Acesso em: 20 nov. 2020.

A UNIÃO: *Virtus unita crescit*, ed. 134, 14 /7/1849

_____. ed. 256, 23 maio. 1850.

_____. ed. 258/25/51850. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/222658/953>.

Acesso em: 20 nov. 2020.

O CARAPUCEIRO, ed. 1, abr. 1832 <http://memoria.bn.br/DocReader/750000/1>

_____. ed. 65 de 12.11.1842. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/750000/2854>.

Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. ed. 2, 7 /7 1832. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/750000/1>. Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. ed. 59, 22/10/1842. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/750000/2833>.

Acesso em: 10 jun. 2020.

_____.ed. 9, 30/4/ 1842. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/750000/1436>.

Acesso em: 21 jun. 2020.

_____. ed. 65 , 12/12/1842. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/750000/1436>. Acesso em: 21 jun. 2020.

DIARIO DE PERNAMBUCO, ed. 92, 26 /4/1838. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/029033_01/12823. Acesso em: 25 jun. 2020.

_____. ed.126, 6 /6/1839. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/029033_01/12975. Acesso em: 25 jun. 2020.

_____. ed. 109, 14 /8/ 1841. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/1988. Acesso em: 28 jun. 2020.

_____. ed. 184, 25/8/1841. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/2020. Acesso em: 10 ago. 2020.

_____. ed. 250, 16/11/ 1841. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/2293. Acesso em: 11 ago. 2020.

_____. ed. 258, 25 /11/1841. Disponível http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/2327.
 Acesso em: 11/8/ 2020.

_____. ed. 54, 9/3/1842. Disponível http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/7415.
 Acesso em: 13 ago. 2020.

_____. ed. 153 19/7/1842. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/3089. Acesso em: 15 /8/2020.

_____. ed. 76, 4 abr. 1843. . Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/3984. Acesso em: 15 ago. 2020.

_____. ed. 64, 20 /3/1843. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/3932. Acesso em: 23 ago./2020.

_____. ed. 253, 11/2/1846. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/8338. Acesso em: 24 ago. 2020.

_____. ed. 260 , 19 /11/1846. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_02/4726. Acesso em: 24 ago.2020.

_____. ed. 108, 13/5/1850. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/437.
 Acesso em: 24 ago. 2020.

_____. ed. 109, 14 /5/1850. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/441. Acesso em: 26 ago. 2020.

_____. ed. 111, 16 /5/1850. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/447. Acesso em: 13 set. 2020.

_____. ed. 115, 22 /5/1850. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/463. Acesso em: 13 set. 2020.

O Diario Novo, ed. 108 , 13/12/1842. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/709867/449>. Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. ed. 11, 14 /1/1843. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709867/550>.
 Acesso em: 10 jun. 2020.

O DIARIO NOVO. ed. nº 1, 1842. <http://memoria.bn.br/DocReader/709867/1>

_____. ed. 108, 13 /12/1842. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800449/455>
 Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. ed. 112, 17 /12/1842. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800449/473>. Acesso em: 10 jun. 2020.

_____ ed. 116, 23/12/1842. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709867/489> Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. ed. 11 , 14/1/1843. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709867/550> Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. ed. 32, 9/2/1843. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800449/653>

_____. ed. 128 /14/6/1843. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800449/1040> Acesso em: 10 jun. 2020.

_____. ed. 176, 16 ago. Disponível em: 1844 <http://memoria.bn.br/DocReader/709867/2021> Acesso em: 10 jun. 2020.

LIDADOR, ed. 139, 3 nov. 1846. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/819247/569>. Acesso em: 10 jun. 2020.

- **Revistas:**

CONTRAPONTO - Periódico de Arte e Cultura. Recife, edição em homenagem ao Centenário do Teatro Santa Isabel, dezembro de 1950.

REVISTA DO APEJE. Recife: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, ano 1, nº 1, 2016p. il. Semestral

PROGRESSO Revista Social, Literaria e Scientifica. 1ºano. Tomo I. 1º número, mês de julho. Pernambuco: Typographia de M. F. de Faria, 1846.

- **Relatórios e legislações**

COLEÇÃO DE LEIS, DECRETOS E RESOLUÇÕES DA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO, Entidade custodiadora - Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – Disponível em: <https://www.acervo.pe.gov.br>. Acesso em: 05 jan. 2021.

RELATÓRIOS DA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO (1838-1850). Disponível in: CRL **DIGITAL DELIVERY SYSTEM** (Recursos digitais selecionados para pesquisa acadêmica). Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/180/search?terms=pernambuco>. Acesso em: 05 jan. 2021.

DOC. DE INSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE ESTABELECIDADA PARA SUBSISTÊNCIA DOS TEATROS PÚBLICOS DA CORTE. Lisboa: Regio Typografia Silviana, 19 de julho de 1771, p. 1-20.

- **Minicurso:**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História e Sensibilidades** (Minicurso realizados durante o XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH-Brasil). Natal: UFRN, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L9nFQv2CJbA>. Acesso em: fev.2021.

8. BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Aline Emanuelle de Biase. **De “Angelus dos retalhos” a Visconde de Loures: a trajetória de um traficante de escravos (1818-1858)**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de A. **A Companhia Pernambucana de Navegação**. Dissertação (Mestrado,) Recife: UFPE, 1989.

ALVES, Bruno Adriano Barros. **A Repartição de Obras Públicas de Pernambuco: estrutura administrativa, projeto de modernização e canteiros de obras (1837-1850)**. Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2021.

ARANHA, Gervásio Batista. **Seduções do Moderno, na Parayba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e Outras Conquistas Materiais e Simbólicas (1880-1925)** In: Ó Alarcon Agra do, et all. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**, 2ª ed. João Pessoa: Ideia, 2003. 79-129.

ARAÚJO, José Thomaz Nabuco de. **Justa Apreciação do predomínio do Partido Praieiro ou História da denominação da Praia**. Pernambuco: Typographia Nacional, 1847.

AROUCHA, Davi Costa. **A vara, a vela e o remo: trabalho e trabalhadores nos rios e portos do Recife oitocentista**. Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal da Paraíba, 2017.

ARRAIS, Isabel Concessa. **Teatro de Santa Isabel**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o Riacho** A formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFCLH/USP, 2004.

BARBOSA, Virgínia. **Governadores e Presidentes da Província de Pernambuco**. Recife: FUNDAJ, 2007. (Compilação bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco)

BARBOSA, Virgínia; FARIAS, Rosilene Gomes, GASPARG, Lúcia. Vauthier: Fontes para o Progresso. Pernambuco 1840-1846. **Catálogo**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2009.

BARLAVENTO, Amanda Gomes. **A Trajetória de vida do Barão de Beberibe, um traficante de escravos no Império do Brasil (1820 – 1855)**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

BARROSO, Oswald. **Teatro José de Alencar: o Teatro e a Cidade**. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2003. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERTHOLD, Margot [tradução Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. **A História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BORGES, Geninha da Rosa. **Teatro de Santa Isabel: nascedouro & permanência**. Recife: CEPE, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Cap. 1, 2 e 3, pp.7-16. (coleção memória e sociedade).

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas**. 3ª. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BURKE, P. **Testemunha Ocular o uso de imagens como evidência histórica**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Unesp - digital, 2017.

CABRAL, Flávio José Gomes. **Conversas Reservadas ‘vozes públicas’**, conflitos políticos e rebeliões em Pernambuco no tempo da Independência do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013.

CADENA. Paulo Henrique Fontes. **Ou há de ser Cavalcanti, ou há de ser Cavalgado: trajetórias políticas dos Cavalcanti de Albuquerque (Pernambuco, 1801-1844)**, Paulo Henrique Fontes Cadena. Recife: O autor, 2011.

CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas; CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. A Insurreição Praieira. São Paulo: USP - **Revista Almanack Brasiliense**, nº 8, 2008, p. 5-38

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARVALHO, Marcus J, M. de. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850**. 2ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE. 2010.

CHARLE, Christophe. **A Gênese da Sociedade do Espetáculo: Teatro em Paris, Berlim, Londres e Viena**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1988.

CORD, Marcelo Mac Dois mestres de ofício alemães no Recife oitocentista: mundo do trabalho artesanal e sociabilidades cotidiana. **Almanack**, Guarulhos, n. 25, ea05018, 2020 Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463325ea05018>. Acesso em: 29 de set. 2020.

_____. "Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais. Um conjunto documental recifense", Fontes para a história do trabalho. **Revista de Fontes**, v. 4 n. 7 (2017): Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/fontes/article/view/9150/6683>. Acesso em: 20 jun. 2020.

COSTA, F. A. Pereira da. **Anais Pernambucanos**, 2ª Ed. Governo de Pernambuco – FUNDARPE. Recife: Diretoria de Assuntos Culturais, 1983.

_____. **Dicionário biográfico de Pernambucanos celebres**. Recife: Typ. Universal, 1882. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221687>

DABAT, Christine Rufino. A Produção de Açúcar nas Fronteiras da Modernidade: o percurso de Henri Augusto Milet (Pernambuco, século XIX), **Revista Clio de Pesquisa Histórica**, 2012, p. Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/a-producao-de-aucar-nas-fronteiras-da-modernidade-o-percurso-de-henrique-augusto-milet-pernambuco-seculo-xix-xn45pvdmqqoj>.

DA SILVA, S. V. Quando o Recife sonhava em ser Paris: a mudança de hábitos das classes dominantes durante o século XIX. **Saeculum – Revista de História**, [S. l.], n. 25, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/14002>. Acesso em: 28 jul. 2021.

DORÉ, Andréa, Org.; RIBEIRO, Luiz Carlos, Org. **O que é Sociabilidade?** São Paulo: Intermeios, 2019.

DUARTE, Jônatas Lins. **Modernização do porto e do bairro do Recife**: Impactos causados pelas obras na população da freguesia (1909-1914). Dissertação (Mestrado em história) Departamento de história, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

DUARTE, José Lins. **Recife no tempo da Maxambomba 1867 – 1889**: O primeiro trem urbano do Brasil. Teresina – PI: EDUFPI, 2012.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FELDMAN, Ariel. **Espaço Público e Formação do Estado Nacional Brasileiro**, a atuação política do Padre Carapuceiro 1822-1852 (Tese de Doutorado), São Paulo: USP, 2012.

FERRAZ, Leidson. **Casa da Ópera na lama e com má fama: o primeiro teatro do Recife**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3882>. Acessado em: 05 dez. 2019.

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. **A Paz das Senzalas**, famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, 1790-1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FRANKLIN, Andréa. Teatro de Santa Isabel 165 anos de artes, políticas e histórias do Recife. Recife: **Arquitetura e Designer**, 2015. Disponível em: <https://wsimag.com/pt/arquitetura-e-design/14076-teatro-de-santa-isabel>. Acesso em: agosto.2021.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**, 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Olympto, 1974.

_____. **Vida Social no Brasil nos meados do século XIX**, 4ª edição. São Paulo: Global Editora, 2008.

GAMA, José Bernardo Fernandes. **Memórias Históricas da Província de Pernambuco**, Tomo I. Pernambuco: Typographia de M. F. de Farias, 1844.

GONÇALVES, Duarte. A sociedade estabelecida para a subsistência dos Teatros Públicos da Corte – uma “companhia pombalina”, **Revista População e Sociedade, CEPESE, vol. 22**, Porto/PT: CEPESE, 2014, p. 196-206.

GUERRA, Flávio. **O Conde da Boa Vista e o Recife**. Recife: Fundação Guararapes, 1973.

HARVEY, Davi. Paris capital da modernidade. Trad. Magda Lopes. Ed. Bomtempo. ISBN 13: 978857594421.

HELIODORA, Bárbara. **A História do Teatro no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2013.

HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções: Europa, 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Tempos Fraturados: cultura e sociedade no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**, 27^a ed. Recife: Companhia das Letras, 2017.

HORA, Laura Patrícia Lopes da. **“A Praça é do povo como o céu é do condor” arborização do Recife no século XIX (1840 – 1880)**. (Dissertação de mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22264/cliio.issn2525-5649.2016.34.21.al.01>. Acesso em: 18 ago. 2020. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7277>. Acesso em: 18 jan. 2021.

LARA, Sílvia Hinould. Escravidão, Cidadania e História do Trabalho no Brasil. **Projeto História. v. 16 (1998): jan./jun.** Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/785> Acesso: 3 out. 2021.

LEAL JUNIOR, José da Silva Mendes. **Biografia do actor brasileiro Germano Francisco de Oliveira**, cavalleiro da Imperial ordem da Roza e membro dos consevatorios dramaticos do Rio de Janeiro e Pernambuco. São Luis,/ Maranhão]: Typ. do Progresso, 1862. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or1470194/or1470194.pdf.

_____. **O Pagem d’Aljubarrota**. Cintra e Leria: Tipografia Rollandia, 1846. Cópia Digital disponível em: Biblioteca Digital F.L.U.L.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

_____. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 1998.

LIMA, M. de Oliveira. **Pernambuco seu desenvolvimento histórico**. Leipsig: F. A. Brockhaus, 1895.

LIMA, Ignácio de Abreu e. **Synopsis ou Dedução Chronologica dos Factos mais Notaveis da História do Brasil**. Pernambuco: Typographia de M. F. de Faria, 1845.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111 – 154.

LOUSADA, Maria Alexandre. **Sociabilidades mundanas em Portugal - Partidas e assembleias (1760-1834)**. Penélope. V. 19-20. p. 1126-160. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1998. Disponível em: https://www.ulisboa.pt/publication/28223743_Sociabilidades_mundanas_em_Lisboa_Partidos_e_Assembleias_c_1760-1834/links/54258c2a0cf26120b7aca8ae/Sociabilidades-mundanas-em-Lisboa-Partidos-e-Assembleias-c-1760-1834.pdf. Acesso em: 11 jun. 2020.

LUCIO, Silvana Tercila Maria Pettinati. Teatro de Santa Isabel. Análise de Projeto. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas. **V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo** “Cidades: temporalidades em confronto” Uma perspectiva comparada da história da cidade, do projeto urbanístico e da forma urbana, julho. 2017. Disponível em: <https://silo.tips/download/pontificia-universidade-catolica-de-campinas-faculdade-de-arquitetura-e-urbanism-18>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **Vida Divertida: histórias do Lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MATTOS, B. de (resp. impressão). **Biografia do Ator Brasileiro Germano Francisco de Oliveira**. São Luiz: Tipografia Progresso, 1862.

MORAIS, Grasiela Florêncio de. “Cidade vigiada”, “Cidade civilizada”: Impressões sobre a difícil convivência entre o progresso e a pobreza no Recife Imperial (1830 – 1850). **Clio: Revista de Pesquisa Histórica** n.º. 34 (2016), p. 180 -201. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/viewFile/24992/20252>. Acesso em 19 ago.2021.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco**, Vol. IV. Periódicos do Recife de 1821-1850. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

NOGUEIRA, Octaciano. **Constituições Brasileiras - 1824**, 3ª ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

PALMA, Rogerio ; TRUZZI Oswaldo. Renomear para Recomeçar: Lógicas Onomásticas no Pós-abolição. Rio de Janeiro: **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 61, no 2, 2018, pp. 311 a 340. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/001152582018154>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PALMEIRA, Roseanny Santos Gomes. **O Espetáculo da Evolução: A Arquitetura do Teatro no Nordeste do Brasil, 1850-1930**. Monografia (Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo), João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2017.

PALMEIRA, Rosemaria de Assunção. Da Edificação do Teatro à Construção da Memória. **XIII Colóquio de História**. Recife: Unicap –2019. Disponível em: <http://www.unicap.br/ocs/index.php/coloquiodehistoria/coloquiodehistoriaxix/paper/view/1508/477>.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NECHAR. M. Camilo. **Turismo: Perspectiva crítica-textos reunidos**. Assis/São Paulo: Triunfal Gráfica e Editora, 2016.

PERIOTTO, M. R. (2012). Franceses no Brasil: as ideias do século XIX, hábitos e costumes na província de Pernambuco (1840-1850). **Teoria e Prática da Educação**, 15(1), 137-146. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/tpe.v15i1.18574>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

PONCIONI, C. **Pontes e Ideias Louis Léger Vauthier um engenheiro fourierista no Brasil**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2010.

_____. O Brasil visto por Louis Léger Vauthier (Pernambuco, 1840-1846) – Diário e cartas. **Navegações, Porto Alegre**, v. 3, n. 2, p. 121-129, jul./dez. 2010. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/8430/6015>.

PRADO, Décio de Almeida. **História Concisa do Teatro Brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade e São Paulo, 1999.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. **Teatro Santa Isabel: Documentos para sua história**. Recife: Diretoria de Documentação e Cultura, 1977.

PROENÇA, Maria Cândida. **Uma História concisa de Portugal**. Lisboa: Temas e Debates – Círculo -Leitores., 2015.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)Encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997.

ROSITO, Margaréte May Berkenbrock. **Aulas Régias: Currículo, Carisma, Poder - um teatro clássico?** (Tese Doutorado). Campinas: Universidade Federal de Capinas, 2002.

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. **Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822 – 1850)**. Dissertação de Mestrado. Recife: o autor. 2011.

_____. Dos divertimentos apropriados aos perigosos: organização e controle das festas e sociabilidades no Recife (1822 – 1850). In: RIBEIRO; Sabina Ribeiro; MARTINS, Ismênia de Lima (Org); FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. **O oitocentos sob novas perspectivas** (Recurso eletrônico). São Paulo: Alameda, 2014. p. 342-362

_____. **Luminárias, músicas e “sentimentos patrióticos”, festas e política no Recife (1817-1848)**. Tese (Doutorado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1994.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa M. **O Sol do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SETTE, Mário. **ARRUAR-** histórias pitorescas do Recife Antigo. Recife: Secretaria de Educação e Cultura – Governo do Estado de Pernambuco, 1978.

SILVA. Joelmir Marques da. Um jardim moderno em um sítio histórico: a reconstrução da história da Praça da República e do Jardim do Palácio do Campo das Princesas. v. 6 n. 2 (2015): **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research médium** Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/issue/view/1330>, acesso em: 10. jun. 2021.

SILVA, JOSÉ Amaro Santos da. **Música e Ópera no Santa Isabel**. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 2006.

SILVA FILHO, Paulo Alexandre da. **Desvalorização do Trabalho e Consumo Honorífico em Recife (1837-1844)**. Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7338>. Acesso em: 26 jun. 2021.

SILVEIRA, Elza Maria Gonçalves da. **O Carapuceiro: um periódico satírico na primeira metade do séc. XIX** (Dissertação de Mestrado), Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ECAP-74QKCP>.

SILVEIRA, Rose. **Histórias invisíveis do Teatro da Paz: da construção à primeira reforma**. Belém do Grão-Pará (1869—1890). Paka-Tatu, 2020.

SOUZA, Maria Ângela de Almeida. **Posturas do Recife Imperial**. 2002, 312f. Tese (Doutorado) - Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. Tradução: EICHENBERG, Rosaura. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAUTHIER, Louis-Léger. **Diário íntimo do engenheiro Vauthier (1840-1846)**. FREYRE, Gilberto (Org.) Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério de Educação e Saúde, 1940

_____. **Diário Pessoal [1840-1846]**. In: PONCIONI, C. **Pontes e Ideias** Louis Léger Vauthier um engenheiro fourierista no Brasil. Recife: Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, 2010.

9. ANEXOS

Inserimos, no final do e-book, alguns recortes de jornais, imagens e matérias sobre o Teatro de Santa Isabel, informações que julgamos importantes, mas que não se enquadravam na perspectiva em que o texto era apresentado. Acrescentamos como sugestão de leitura para o caso de o leitor ter interesse em buscar mais informações, inclusive com a indicação das fontes.